

**Stevenson**

sob as  
palmeiras

Alberto

**Manguel**



LITERATURA  OU MORTE  
COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**STEVENSON SOB AS PALMEIRAS**

**ALBERTO MANGUEL**

## Orelha:

O poeta, ensaísta e romancista escocês Robert Louis Stevenson sofria de tuberculose. Em busca de um clima favorável a sua saúde, morou no Pacífico Sul. É ali, nas ilhas Samoa, que Alberto Manguel vai encontrá-lo. Com a mulher, dois enteados e a mãe, Stevenson habita uma casa em que móveis e objetos reproduzem o bem-estar britânico. Os livros se distribuem pelas estantes; dão à paisagem doméstica a intimidade própria de uma casa onde há leitores. Aquela é também a casa de um escritor.

Em seu escritório, sentado à escrivaninha, Stevenson molha a pena no tinteiro de prata e pode preencher folhas e folhas sem rasuras: o mundo inteiro está em silêncio; o escritor ouve apenas o que deseja sua imaginação. Do lado de fora da casa e da mente que escreve, há o sol, o flamboaiã e a nudez das mulheres - sua "pele escura, brilhante e dura como pedra vulcânica". Em Samoa, a vida toda parece acontecer ao ar livre.

Nem as histórias ficam guardadas nos livros: circulam de boca em boca, de uma geração à outra. E os samoanos não conhecem a ficção: consideram que toda história conta um fato.

Para Stevenson, "tudo o que outrora fora oculto, sussurrado, abotoado no mundo protegido de sua infância", ali, em Samoa, é "escancarado - descarado, às claras".

Um dia, apenas com o olhar, ele deseja apaixonadamente o que está do lado de fora: uma adolescente que, enfeitada com gardênia, dança ao som dos tambores. Recatado, transforma o desejo em literatura; a palavra escrita o protege de querer transformar o desejo em ato.

Copyright © 2000 by Alberto Manguel  
Stevenson sob as palmeiras /Alberto Manguel;  
Tradução: Paulo Henriques Brito.  
São Paulo : Companhia das Letras, 2000.  
Título original: Stevenson Beneath the Palmtrees.  
ISBN 85-7164-983-9

**Para Craig, o outro Stevenson** (ou Stephenson),  
com todo o meu amor

Ninguém passeia impunemente sob palmeiras  
(Goethe, *As afinidades eletivas*)

Robert Louis Stevenson saiu de casa e fez a longa caminhada até a praia no momento exato em que o sol se punha. Por causa das árvores, da varanda não se avistava o mar, que, duzentos metros abaixo, penetrava as extremidades de dois vales cobertos de mata; para apreciar o mergulho final do sol antes de ter início a escuridão límpida, o melhor era postar-se em meio às raízes dos mangues, apesar (disse ele a si próprio, enchendo-se de coragem) dos mosquitos e dos flebotomos. Stevenson levou algum tempo para se dar conta da presença de um outro vulto humano, porque este parecia ser apenas mais uma sombra em meio às sombras; porém a figura virou-se e por um momento deu a impressão de que estava olhando para ele. O homem usava um chapéu de aba larga semelhante ao que o próprio Stevenson tinha na cabeça; e este, embora visse que a pele do outro era branca, não conseguia distinguir suas feições.

*"Desce tão depressa que é como se a água apagasse as chamas"*, disse Stevenson, para quebrar o silêncio.

"É verdade", respondeu o homem, sem se pôr de pé.

Exultante, Stevenson reconheceu na voz do outro aquele robusto sotaque escocês que, para tristeza sua, estava desaparecendo dos bairros melhores de Edimburgo.

*"Creio que não nos conhecemos"*, disse, aproximando-se do desconhecido com a mão estendida. A população branca de Apia não era grande, e Stevenson, a principal celebridade de Samoa, havia sido apresentado, infelizmente, a todos os seus componentes.

"Baker", disse o homem. "E é claro que sei quem o senhor é. Vivo vagando por entre estas ilhas há Deus sabe quantos anos, e mesmo na distante Tonga seu nome é conhecido.

Às vezes digo que sou seu parente para promover a minha causa."

"E qual seria a sua causa?"

"A Causa do Caminho Verdadeiro, a causa de todos os homens bons. Oficialmente, realizo uma espécie de recenseamento do trabalho missionário neste oceano longínquo.

Gostamos de manter essas coisas sob controle. A Sociedade Missionária de Edimburgo."

Stevenson sentou-se numa raiz e olhou para o céu. As estrelas já haviam aparecido e o mar estava branco.

"Quando foi que o senhor veio de Edimburgo?", perguntou.

"Há tanto tempo que prefiro nem lembrar", respondeu o outro.

"Agora a cidade está tão distante que é quase como se não existisse."

*"Pois para mim é o contrário", disse Stevenson. "A distância teve o efeito de torná-la mais presente do que no tempo em que eu morava lá. Deito-me à noite com a umidade fria de Edimburgo nas narinas e acordo com a fumaça de suas chaminés nos olhos."*

"Um bom clima para fortalecer a alma, na minha opinião. Aqui o calor amolece os músculos e faz o pecado brotar como flores na lama." Pegou um punhado de areia molhada e deixou-a escorrer por entre os dedos.

"E quanto tempo pretende permanecer em Samoa?", perguntou Stevenson, menos por curiosidade do que para voltar a ouvir a voz do homem.

"Até concluir minha tarefa", respondeu ele.



Mais tarde, naquela mesma noite, quando o jantar estava sendo preparado no amplo salão da casa de Vailima, Stevenson mencionou o encontro para sua mulher e Fanny observou que havia escoceses demais soltos pelo mundo. "Esse é do tipo frio", comentou Stevenson, quase para si próprio, e depois ficou a se perguntar o que exatamente seus ancestrais queriam dizer com tal expressão.

No dia seguinte haveria uma festa na aldeia, e mesmo antes de o sol nascer já se ouviam carroças transportando mantimentos: vozes de homens cantando, mulheres chamando os filhos, os gritos dos porcos prestes a serem abatidos, madeira sendo cortada, a queda estrondosa de um coqueiro. De sua varanda, vendo a vegetação absorver a luz cada vez mais forte, Stevenson pensou na diferença que havia entre as atividades da vida ali, sob aquele céu cálido, e no lugar onde ele vivia antes e que por vezes ainda lhe inspirava saudades. De vez em quando vinha-lhe a sensação de que teria uma necessidade física do frio cortante, da chuva negra, das austeras pedras de Edimburgo, cinza com um toque de rosado, como o corpo putrefaciente de um camundongo. Já ali as coisas apodreciam num esplendor obscuro. Recordou seu primeiro ano em Samoa, o quintal coberto de mamões caídos - a casca de um amarelo vivo a escurecer, as frutas abrindo suas inúmeras dobras e expondo o interior carnudo e sensual, cheirando a saliva - e lembrou que ele e Fanny viraram o rosto sem dizer palavra, como se tivessem se deparado sem querer com um espetáculo privado e indecente. Uma vez, num bordel perto de Perpignan, vira ao entrar uma mulher sentada num banco junto à porta, as pernas absurdamente escancaradas, e sentira um misto de repulsa e deslumbramento: era uma

nudez mais profunda do que qualquer outra que jamais conhecera. Em Samoa, a nudez das mulheres, que tanto incomodava os missionários, nunca era feia. À noite, quando a gente da aldeia descia à praia para se banhar e ficava chapinhando nas ondas com as crianças, os cabelos negros, fartos e emaranhados das mulheres abriam-se como anêmonas na água, e os hibiscos que elas usavam atrás das orelhas flutuavam em torno de seus corpos, como ilhas ígneas. Stevenson adorava ficar a vê-las do molhe, contemplando aquela pele escura, brilhante e dura como pedra vulcânica.

Ali em Samoa, tudo o que outrora fora oculto, sussurrado, abotoado no mundo protegido de sua infância era escancarado - descarado, às claras - e de início aquilo havia sido demais para os seus sentidos, sufocava-o, tal como perturbara Fanny, deixando-a impaciente e zangada. Porém eles haviam ficado, e com o passar dos anos aquele mundo berrante passou a encantá-los, e acabaram se acostumando com a falta de reserva. E embora em casa, em Vailima, conservassem o decoro que convém a um cavalheiro escocês, sua esposa americana e sua família (dois enteados crescidos, a mãe idosa de Stevenson), agora rejubilavam-se com a explosão de cores e sons lá fora, ao ver um mundo que parecia estar constantemente se abrindo, como uma flor de perfume pesado.

Depois do café da manhã, Fanny instalou-se no salão para examinar as contas e ele tentou ler os jornais londrinos: havia passado mal à noite, como sempre, e agora tinha a sensação de que sua cabeça não estava disposta a trabalhar. Lia, como se evocasse uma vaga lembrança, nomes que outrora lhe eram familiares, embora não conseguisse identificá-los com exatidão, e pensou, como ocorria com freqüência agora, como

era curioso que o lugar que ele conhecera tão bem no passado tivesse sido totalmente encoberto por uma geografia tão inesperada, fazendo com que as sensações lembradas de um dos mundos se confundissem com as percepções experimentadas no outro.

Lia sobre os escândalos e rumores da distante ilha da Grã-Bretanha com o interesse de um antropólogo ávido, e achava graça quando pensava que seus amigos deviam estar fazendo o mesmo, imaginando "o velho RLS em meio aos selvagens de Samoa".

Por volta das onze horas, Sosimo, o administrador, entrou para dizer que a carroça estava pronta. Toda a família subiu nela - Stevenson, Fanny, os filhos de Fanny, Belle Strong e Lloyd Osbourne, e a velha senhora Thomas Stevenson - e Sosimo chicoteou a mula, que começou a trotar.

A aldeia fora enfeitada com palmas e guirlandas. À frente de lençóis de topa recém-estendidos, os tocadores de tambor, com três tiaras de gardênia na cabeça, estavam ensaiando, com mais animação bem-humorada do que perícia, e algumas moças mais jovens, rindo, requebravam os quadris no ritmo do batuque. Dois ou três dignitários vieram receber o clã dos Stevenson e ajudaram as damas a descer da carroça. A senhora Thomas Stevenson, agarrada a sua sombrinha preta, saltou para o chão com agilidade surpreendente e foi levada por um grupo de mulheres mais velhas, que na mesma hora deram início a uma torrente de mexericos. Lloyd Osbourne ofereceu-se para carregar os tapetes que Sosimo estava tirando da carroça, enquanto Stevenson, protegido por seu chapéu de aba larga, juntamente com Fanny e Belle, à sombra de suas pequenas sombrinhas brancas, eram conduzidos ao círculo perto dos fornos escavados no chão. Durante algum tempo, ficaram vendo a carne e outros alimentos sendo

baixados sobre as pedras quentes, tudo em meio a grandes nuvens de fumaça. Então os fornos foram cobertos por palmas verdes e o magistrado propôs que os convidados se sentassem.

Trouxeram cadeiras para Fanny e Belle, mas Stevenson sentou-se sobre as pernas cruzadas, como os outros homens.

Havia gente indo e vindo, crianças correndo, cachorros magros farejando em todos os cantos até que alguém vinha expulsá-los com pontapés, e uma galinha desgarrada atravessou o círculo principal, afobada. Stevenson jamais apreciara muito o que sua ama, quando ele era menino, denominava, com sua fala carregada de escocesa do norte, de "intemperança popular": os movimentos de uma multidão, imprevisíveis e poderosos como um incêndio. No meio de um grupo numeroso de pessoas, alegres ou zangadas, tristes ou folgazãs, ele sentia-se nu; muitas vezes tentara combater essa sensação, que por falta de termo mais apropriado ele chamava de timidez e que seu pai certa vez rotulara de covardia, uma acusação que jamais fora esquecida. Agora uma espécie de multidão se formava ao redor deles e Stevenson obrigou-se a sentir-se à vontade, ou a dar a impressão de que estava à vontade. Então a música começou de fato.

Quando chegaram em Samoa pela primeira vez, Stevenson imaginara que os estranhos costumes daquele lugar exótico talvez ofendessem sua mãe. Já lera a respeito deles e desejava muito vê-los em carne e osso; parecia-lhe que Fanny, apesar de seu puritanismo americano, como fiel leitora de Walt Whitman seria certamente capaz de apreciar uma saudável exibição do corpo humano, vestido não de vento e chuva, mas de sol. O que o preocupava era o modo como reagiria sua mãe diante da carne escura e nua, dos

movimentos sinuosos, dos dentes brancos demais e dos cabelos negros demais para uma senhora simples de Edimburgo, acostumada a ver corpos envoltos em sedas rígidas e escuras, com franjas de renda. Primeiro no Havaí, depois no Taiti, onde o rosto humano tinha traços finos e os cabelos eram longos e lisos, e depois nestas ilhas, onde as feições eram mais arredondadas, a pele muito mais escura e os cabelos crespos, formando verdadeiras coroas espessas e emaranhadas, a senhora Thomas Stevenson parecia apenas alegrar-se com a variedade deste mundo de Deus, deliciar-se com a multiplicidade de Sua imagem e semelhança. Comparava os rostos taitianos a lírios dourados, os samoanos a rosas escuras, e por toda parte sentia que era bem recebida. Stevenson olhou para ela agora, muito satisfeita, sentada entre as matronas samoanas, com seu vestido negro e o rosto, os cabelos e as mãos brancas, a imagem invertida dos mumus brancos e da pele negra das nativas.

Os tambores teciam um ritmo obstinado que ia crescendo sutilmente, mais e mais, e uma fileira de homens com pinceladas de tinta no rosto e grinaldas verdes na cabeça começou a dançar em linha reta, enquanto as mulheres cantavam em coro, em contraponto, para estimulá-los. Então foi a vez das mulheres, que levantaram os braços e começaram a gingar com movimentos ondulados, uma ao lado da outra, numa sincronia perfeita. Então entraram na dança as adolescentes, umas mais tímidas ou desajeitadas que as outras, e de repente Stevenson viu uma menina de beleza extraordinária, movendo-se ao ritmo da música com total confiança.

Teria ela treze ou catorze anos; o cabelo abundante estava preso sobre a testa por uma tiara de gardênia; as ondas negras caíam-lhe sobre os ombros finos? Atrás da orelha

abria-se uma flor de hibisco, grande e vermelha. Os seios pequenos apareciam sob uma faixa de pano colorido (uma concessão ao missionário visitante), e quando ela rebolava a saia de palha, enfeitada com conchas e miçangas, deixava entrever as pernas longas e esguias. Stevenson adorou seus olhos, e, enquanto a observava, a jovem olhou para ele e sorriu. Constrangido, e surpreso por sentir-se constrangido, Stevenson virou a cabeça.

Quando olhou outra vez, ela havia desaparecido por trás dos tambores, juntamente com outras garotas. O ritmo mudou. Um homem grandalhão começou a dançar sozinho no centro do círculo.

Durante o resto do dia, Stevenson ora reencontrava a moça, ora a perdia de vista, nos momentos mais inesperados. Ficou a sua procura durante o longo discurso pronunciado pelo magistrado e também depois, quando bebiam kava e comiam porco com inhame, porém não a encontrou. Então ela surgiu de repente, com um prato de fruta-pão cozida, e mais tarde, entre as mulheres mais velhas, penteando os cabelos de alguém, e depois, por um momento, rindo com umas amigas à sombra de um flamboaiã. Uma vez Stevenson virou-se e a viu olhando para ele, mas nesse exato momento a jovem saiu correndo.

Muitos anos antes, na França, ele tinha visto uma moça mais ou menos da mesma idade, tomando banho no pátio de uma fazenda, atrás de um biombo rasgado, e sentira essa onda de desejo que agora relembrava. Fora santo Agostinho, pensava ele, que agradecera a Deus por não o responsabilizar por seus sonhos. Stevenson bebeu um bom gole de kava e repetiu essa oração de graças.

A tosse começou, como tantas vezes acontecia, sem aviso prévio, primeiro uma irritação no fundo da garganta, depois um espasmo seco, violento, que parecia não acabar mais. Todo o seu corpo sacudia-se; a dor subia-lhe até as têmporas e descia pelas costelas abaixo. Fanny pôs um braço em seu ombro, mas Stevenson despreendeu-se dela e tentou ficar em pé, cômico de que todos estavam olhando para ele. Lloyd Osbourne aproximou-se e o levou para a carroça, que aguardava, mas antes de chegar lá a tosse ficou tão forte que ele começou a tremer. Por um longo momento, sentiu que seus joelhos fraquejavam, e no instante imediato antes de perder a consciência ele viu, no lenço que levou à boca, uma mancha grande, de um vermelho tão vivo quanto o da flor que a jovem usava no cabelo.

Na manhã seguinte, curiosamente, despertou sentindo-se bem como não se sentia havia muito tempo, como se a tosse devastadora fosse uma tempestade que, após passar, deixara-o quase renovado, sem sequer a falta de ar habitual. Fanny pediu-lhe que ficasse na cama, mas ele se recusou. Sentia-se cheio de uma energia deliciosa, e depois do café da manhã pôs-se a escrever mais um capítulo do livro em que estava trabalhando, uma história sombria e romântica, ambientada na Escócia.

Em cada gesto seu havia uma sensação de urgência que o deixava intrigado e o deliciava. Estava ansioso por começar. Sentou-se, endireitou a pequena fileira de livros na escrivaninha, pegou algumas folhas de papel sob o mata-borrão e mergulhou a pena no tinteiro.

Embora costumasse ditar para Lloyd ou Belle, por causa da cãibra de escritor que se acrescentara recentemente a sua velha lista de males, sempre que possível Stevenson preferia escrever ele próprio, para ver a história literalmente se

espalhar pela página. Naquele dia, como por milagre, o trabalho corria muito bem; à luz forte do sol meridional, ele imaginava com facilidade o vento e a chuva da Escócia, a linguagem rica e cuidadosa de seus antepassados. Uma vez comentara com Henry James que tinha vontade de suprimir o elemento visual de seus livros. Ouvia pessoas conversando, percebia suas ações, e para ele ficção era isso. Anotou suas duas metas na literatura:

1-Guerra ao adjetivo.

2-Morte ao nervo óptico.

Naquele momento, via o vilão de sua narrativa atravessar a charneca durante a tempestade, sob o efeito de suas paixões, e ouvia-o justificar-se a si próprio perante o Senhor Deus dos Exércitos em frases que rolavam e ribombavam como trovões. A menina que vira na festa emprestou seu sorriso ao personagem da jovem do romance, e Stevenson disse a si mesmo que possuí-la daquele modo já lhe bastava: "Um pecado permissível", disse a si mesmo, e deu graças por isso.

O conflito entre bem e mal absorvia sua atenção à medida que se desenrolava em sua mente, e aquela simplicidade lhe agradava. Escreveu até o meio-dia e então parou.

Estava quente demais para caminhar até a praia; assim, foi ao jardim para esticar os músculos tensos.

Sosimo estava catando as frutas-pão caídas e Stevenson perguntou-lhe se ele vira o novo missionário naquele dia.

"Não tem missionário novo em Vailima", respondeu Sosimo. "Missionário demais já em Apia."

Stevenson não pensou mais na mocinha. Nos dias que se seguiram, ficou à procura de seu misterioso compatriota, movido pela saudade do sotaque de Edimburgo e por uma necessidade infantil de saber que todas as coisas estavam em



seus lugares. Enquanto ditava a Belle os capítulos mais recentes, ouvia a voz do missionário marcar o ritmo de suas frases.

Repetiu a pergunta a Sosimo mais duas vezes e recebeu a mesma resposta; à tardinha ia sempre à praia onde vira o senhor Baker pela primeira vez. Perguntava-se onde estaria ele hospedado e como era possível ter escapado ao olhar sempre atento e ao ouvido alerta do administrador. Uma semana depois, quando Stevenson já havia concluído que o missionário certamente teria ido para outra ilha, os dois voltaram a se encontrar no mesmo lugar na praia.

"Esta luminosidade venenosa", disse o senhor Baker protegendo a vista do sol. "O brilho ígneo do inferno."

Stevenson riu e perguntou onde ele estava hospedado. O senhor Baker não respondeu de modo direto.

"Estive trabalhando no outro lado de Apia. Um recenseamento como esse não é fácil de compilar."

"O senhor se limita a registrar os nomes?"

"Não, não. Os nomes são os de menos. O que me interessa são as atividades. Que espécie de trabalho o demônio encontra para essas mãos indolentes. Procuo não só os que ouvem o Verbo, mas também aqueles que o praticam. E este lugar gera ócio."

"Mas o senhor está satisfeito com suas instalações?"

"Tenho conforto suficiente.

Nunca vejo meu anfitrião, e ele jamais me vê, desse modo nos damos muitíssimo bem. Ele não é um homem culto, mas há alguns livros do senhor na casa dele."

"Às vezes fico achando que meu editor distribui exemplares dos meus livros de graça para que eu me sinta importante."

"Eu nunca os li, e jamais lerei. Não tenho tempo para essas bobagens de romance. Histórias inventadas, ora! Mentiras é o que são, se o senhor me desculpa. Nossa

curta passagem por esta terra deve ser dedicada ao trabalho, ao estudo, e não à dissipação e à fantasia. Só existe um Livro, meu senhor, ao qual dedico toda a minha atenção, e ele não contém fábulas."

Stevenson sentiu que estava sendo acusado. "Tudo o que pretendo fazer com minhas histórias é proporcionar um pouco de emoção, um pouco de felicidade. Isso também é nossa obrigação, não é?"

"Felicidade?" O homem riu. "Afelicidade é uma recompensa, não um direito. O senhor já viu as imundícies que os nativos vêm fazer aqui na praia, tarde da noite, neste suposto paraíso?" Sua voz ficou áspera. "Já vi até alguns brancos, europeus..." Interrompeu-se. "Não, senhor. Não acredito na obrigação de ser feliz."

Stevenson acordou com uma dor feroz e quente nos nós dos dedos da mão direita, mas a idéia que lhe viera durante a noite não podia ser ditada. Agradeceu a sua enteada, mas disse-lhe que naquela manhã ia trabalhar sozinho, e sentou-se à escrivaninha. Sentia-se febril e seus dedos tremiam um pouco, porém mergulhou a pena no tinteiro, disciplinado, e se pôs a escrever. Sabia que a história havia se interrompido, enveredando por um desvio inesperado. Tornava-se mais e mais sinistra e violenta, e por onde passava parecia desencavar coisas vis, indizíveis. Parou por um momento, em parte por causa da dor, em parte pelo horror que a história lhe inspirava, mas em seguida retomou a pena, impelido por uma necessidade mais forte. Escrevia sem parar, sua letra já quase ilegível de tanto que lhe tremia a mão. Escreveu vinte páginas sem uma única rasura. Parou quando ouviu a voz de sua

mulher do lado de fora do escritório. Tinha o rosto coberto de suor.

Disse a Fanny que não almoçaria; ia deitar-se para ver se a dor passava. Depois disse-lhe que havia escrito uma coisa muito diferente e perguntou se ela gostaria

de ler. Aquilo se tornara um hábito: ela sempre lia tudo o que ele escrevia, e era a aprovação dela que salvava ou não uma história.

Fanny ficou preocupada ao ver o rosto vermelho e a respiração difícil do marido, mas ele se esquivou de sua tentativa de ajudá-lo a ir para o quarto. Ela sabia que Stevenson detestava que o cobrissem de atenções.

O sono veio, mas não lhe proporcionou nenhum descanso. Nem a mais leve brisa penetrava as persianas de bambu, e mesmo a luz listrada que entrava parecia quente e poeirenta, ardendo em seus olhos fechados, fazendo-o sonhar que o enterravam vivo numa fornalha imensa. Acordou com o ruído ensurdecedor dos grilos e deu por si enredado nos lençóis úmidos. Tal como nos primeiros tempos, mais uma vez sentiu saudade de Edimburgo. Enquanto despejava água na bacia, viu seu rosto no espelho, parecia vermelho, como se queimado de sol.

Desceu a escada. Fanny estava sentada na poltrona de couro, o manuscrito no colo.

"O que achou?", perguntou ele.

Fanny esperou um momento antes de responder. Então disse:

"É horrível. É grosseiro. É indecente. A história que você estava escrevendo era sinistra mas poderosa, e estava se tornando uma obra-prima. Isto aqui... é pior

do que sensacionalismo. E é totalmente impróprio para um romance."

"Impróprio para um romance?"

"Eu preferiria que você nem tivesse se permitido sonhar com tais coisas. Isso é veneno."

Stevenson ficou furioso. Sentia as faces avermelharem-se de raiva, e sem dizer palavra arrancou-lhe as páginas das mãos. Saiu da sala como um possesso e voltou para o escritório. Jamais se sentira tão atingido, tão indignado. Releu o que havia escrito naquela manhã e as palavras pareceram adquirir vida própria, serpenteando pela página numa letra que ele não reconhecia.

Leu por alguns momentos, como se apalermado. Então foi até a lareira, jogou o manuscrito sobre as pedras e riscou um fósforo. Viu o papel arder, ficando primeiro vermelho, depois preto. Quando só restavam brasas, desceu a escada. Fanny permanecia imóvel. Foi até lá, ajoelhou-se ao lado dela e pôs a cabeça em seu colo.

"Você tem razão. Perdi-me completamente da história. Fui desencaminhado, não sei como. Você me perdoa?"

Ela corria os dedos pelo seu cabelo. Nem ele nem ela jamais voltaram a falar sobre aquelas páginas.

"Escrevi umas fábulas morais", disse Stevenson ao senhor Baker quando novamente se encontraram.

Um grupo de oficiais da Marinha tinha vindo fazer uma visita de cortesia e o dono da casa havia escapulido para ficar um pouco a sós antes do jantar, deixando que Fanny e seus filhos fizessem sala para os convidados. Encontrou o senhor Baker mais uma vez perto dos mangues, aparentemente vendo dois caranguejos atracados atravessando a faixa de areia.

*"Acho que as histórias ensinam melhor do que os sermões, ou quase isso. As histórias nos dão mais o que pensar, porque são menos diretas."*

*"Precisamente: é menos direta aquela estrada larga e sinuosa. E sem dúvida não preciso dizer a um conhecedor de John Knox aonde leva essa estrada. Só há uma única história que precisa ser contada, e ela não precisa de leitores."*

A lua ocultou-se atrás de algumas nuvens, e a única coisa que restou na escuridão foi a voz grave do edimburguês. Quando ela reapareceu, apenas um dos caranguejos prateados se arrastava pela areia em direção à maré montante.

"O senhor conhece a ilha de Salamandra, perto da costa da Nova Guiné?", prosseguiu a voz. "Estive lá há coisa de três, quatro anos. Não importa. Os nativos são os mais selvagens que alguém pode imaginar, ou não pode, e falam um idioma totalmente diferente de qualquer outro falado na face da terra.

Alguns anos antes da minha chegada, um missionário foi viver lá, para levar a palavra de Deus àquela gente bestial. Demorou muitos meses até aprender a língua deles, e, tendo conseguido, pôsse a traduzir para aquela fala de grunhidos e guinchos a Epístola de São Paulo aos Efésios, em que o apóstolo, como o senhor está lembrado, instiga os pagãos a servir a Deus, não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo. Pois esse homem passou anos traduzindo as palavras sagradas para a língua da gente de Salamandra, trabalhando dia e noite. Mas os caminhos da carne, como não é preciso que eu lhe diga, são fracos, e os que não sentiram as feridas dos cravos e dos espinhos não têm defesas contra os males deste mundo. Um por um, os

nativos caíram vítimas de uma doença simples, uma forma atenuada da varíola que o homem de Deus havia contraído antes de sua viagem, e quando cheguei na ilha só havia um punhado de homens e mulheres, fracos e escaveirados, para me receber. Algumas semanas depois, quando o missionário completou seu trabalho útil e a última palavra da Epístola de São Paulo havia sido vertida para aquele dialeto primitivo, o único nativo de Salamandra que ainda restava foi confinado a sua cabana, da qual só saiu para ser enterrado com seus companheiros que antes dele já haviam ido para aquilo que denominam, em sua cegueira, de 'o mar além do mar'. Meu bravo missionário havia completado sua obra, a tradução do Verbo do apóstolo para uma língua que agora só ele falava. O senhor acha que isso importa? Nem um pouco: prova apenas que o Verbo sempre haverá de sobreviver à carne."

"Mas precisamos de histórias que nos dêem exemplos a seguir, não é?"

"Exemplos de quê? Seu pai era engenheiro, se não me engano. De que lhe valeriam os feitos de Ivanhoé ou as tolices de Dom Quixote? Ele construía com base em fatos e cifras, e eu também. Para erigir faróis altos que nos guiem, alertando-nos para os escolhos do erro."

"Os nativos gostam de histórias. Eles são sua própria história, entende? Eles escutam as minhas às vezes. Chamam-me Tusitala', o contador de histórias."

Em seguida, acrescentou:

"Nesta parte do mundo, as histórias que se contam incorporam-se à realidade. Entende o que quero dizer? Uma vez escrevi uma história sobre uma garrafa mágica que realizava os desejos. Pois bem, depois que a li para um grupo de pessoas da aldeia, elas me pediram que lhes mostrasse a garrafa."

Até hoje me pedem, de tempos em tempos. Acham que eu tenho essa garrafa. Acreditam que ela existe de verdade porque apareceu numa história. Qualquer outra coisa seria uma mentira para eles."

"Superstição, só isso. Melhor seria se o senhor lesse para eles passagens das Escrituras. Essa é a única verdade. com licença, preciso ir."

Stevenson viu-o levantar-se e desaparecer entre os mangues, os quais, em meio às águas que subiam, pareciam animais de muitas patas que vinham à praia para matar a sede.

Ele ouviu vozes lá fora, e em seguida a voz de Sosimo chamando-o. Disse a Fanny que ia ver o que estava acontecendo, vestiu o chambre e desceu a escada. Um grupo de homens nativos estava discutindo no saguão; Sosimo parecia tentar acalmá-los. Pela porta aberta Stevenson viu várias mulheres pesadas vestidas de branco, a cor do luto, gemendo baixinho.

"Senhor", disse Sosimo, "estes homens querem lhe falar. Aconteceu uma coisa ruim. Vaera, a filha de Tootei", e apontou um homenzarrão com uma barriga enorme, "foi morta ontem à noite."

Stevenson de repente reconheceu o homem: era um dos tocadores de tambor da festa. Parecia diferente agora, sem a grinalda e com uma camisa branca larga abotoada no ventre.

"Como? Onde? O magistrado foi avisado?"

"Sim, e estão fazendo interrogatórios na aldeia. Mas Tootei quer falar com o senhor."

"Venha", disse Tootei. "Venha conosco."

"Ir aonde?"

"Ele acha que o senhor pode ajudar. Acha que se olhar o lugar o senhor pode saber."

Stevenson hesitou. Então respondeu: "Eu vou. Esperem um minuto".

Subiu e comunicou a Fanny o ocorrido. Então se vestiu, tomou rapidamente uma xícara de café e foi ter com os homens à porta.

O caminho atravessava um arvoredo de mamoeiros, chegava ao campo aberto e subia a montanha. A subida era difícil, por causa dos insetos e do calor, mas Stevenson gostou da oportunidade de usar os músculos. O suor escorria-lhe pelo couro cabeludo e ele enxugava o cabelo com o lenço. Alguém lhe dissera uma vez, com admiração, que ele trabalhava mais do que um homem duas vezes mais saudável que ele. E ele sabia que era verdade.

Durante as noites longas de sua infância, quando, ofegante de falta de ar e estremeado por uma tosse oca, ele sentava-se na cama, com a ama ao lado, esperando que a Bruxa da Noite - como a chamavam - terminasse sua tarefa horrenda e fosse embora, Stevenson dizia a si próprio que, se algum dia tivesse forças suficientes para tal, conduziria seu corpo a toda e qualquer aventura possível; tomaria a estrada ou então se faria ao mar, partiria como um novo Ulisses na esperança de encontrar criaturas maravilhosas; acima de tudo, porém, viajaria mais por viajar do que por qualquer outro motivo. Imaginava que seu leito de doente era uma nau em que a ama o ajudava a embarcar todas as noites, e então, quando as luzes se apagavam, ele saía na escuridão azulada, respirando leve. com essa esperança, aguardava a manhã.

Agora, daquela altitude onde já não havia mais árvores, podia-se ver o mar quente lá embaixo, além de uma faixa estreita de praia cinzenta. Subiram mais ainda, e ali o ar era mais rarefeito e fresco. Por fim chegaram às ruínas de uma cabana, perto das pedras grandes e nuas onde outrora viam-se gravuras rupestres, já esmaecidas.



O corpo da menina fora retirado, mas a grama amassada e a terra manchada contavam a história.

"Você vê alguma coisa, Tusitala?", perguntou Tootei. "Há alguma coisa a contar?"

Stevenson olhou para o homem ansioso e sacudiu a cabeça.

"Não tenho nada a contar, Tootei. Não sei o que aconteceu. Mas tenho certeza de que o magistrado vai poder ajudar."

Tootei acocorou-se.

"E eu tenho certeza que não. O magistrado não sabe história nenhuma."

Ficaram um bom tempo no alto da montanha, Tootei e os outros homens esperando que Stevenson começasse a contar. Por fim Sosimo levantou-se e começou a lenta descida. Os outros foram atrás.

Toda aquela tarde e no dia seguinte, Stevenson teve a sensação de que seus pulmões estavam prestes a explodir. Primeiro instalou-se na varanda, na esperança de que a imobilidade por si só trouxesse algum alívio; depois pediu a Fanny que o ajudasse a usar o inalador americano. Ela verteu os pós em água fervente, pôs a engenhoca para funcionar e arriscou um gracejo, como sempre faziam, sobre Harum al-Rachid e seu narguilé mágico. Mas desta vez os pós aparentemente tiveram o efeito de exacerbar a tosse, e logo voltaram a surgir manchas vermelhas no lenço que Stevenson levou à boca. Segurando-o pelos braços, Fanny o ajudou a levantar-se e o acompanhou até a cama. Mais uma vez, ele reparou que ela era forte como um homem e pensou também, não sem ternura, que a idade já começava a traçar rugas profundas nas faces de Fanny. O rosto da jovem na festa superpôs-se ao de sua mulher e depois ao do cadáver da filha

de Totei; Stevenson fechou os olhos com força para afastar aquela visão.

Recostado nos travesseiros, o lenço amarfanhado na mão e a bacia a seu alcance, Stevenson deixou-se cair num sono febril em que a montanha escaldante, formas femininas, os flamboaiãs ao vento e as gotas de sangue se confundiam nos sonhos como se numa geografia enlouquecida.

Quando acordou, já era noite. Fanny estava sentada junto à cama, lendo à luz do comprido lampião a gasolina que haviam comprado no Havaí. Stevenson olhou para o rosto absorto da mulher, a boca séria que ele conhecia tão bem, as mãos ásperas, acostumadas ao trabalho árduo, e pensou que tudo naquela casa era agora terrivelmente familiar-, a cadeira em que ela estava sentada vinha da casa dos pais dele em Edimburgo; a gravura que retratava Raeburn era presente de Andrew Lang; as colchas das camas tinham sido tricotadas por uma amiga da mãe de Stevenson; o armário supostamente pertencera a um famigerado criminoso de Edimburgo, e sua ama tecera mil histórias fantásticas em torno dele. Até mesmo o livro que sua mulher lia, *Les diaboliques*, de Barbey d'Aurévilly, fora-lhe enviado pelo editor da Scribners' Magazine, dois longos anos antes.

A morte da jovem na serra era uma atrocidade, era alguma coisa em que não se podia sequer pensar. Stevenson se perguntou, culpado: onde estava a novidade saudável, o entusiasmo bom que enchera seus dias nos primeiros tempos na ilha? Quando voltaria ele a encontrar na sujeira e no suor a emoção que agora só lhe era proporcionada por sua própria imaginação, pelas histórias que ele contava a si próprio e que por vezes tentava colocar no papel? A realidade agora se reduzira a farrapos de lembranças: aquela tarde distante, nas Cévennes, em que ele encontrara dois estranhos demoníacos em Notre-Dame des Neiges; ou a ocasião em que conversara

por horas a fio com uma mulher gorda e louca no leprosário do padre Damian, perto de Honolulu; ou a noite em San Francisco em que um chinês (cujo nome ele não lembrava) o levara a um lugar perto do cais do porto onde leram sua sorte nas folhas de chá no fundo de uma tigela. A palavra nostalgia (ele havia lido em algum lugar) fora cunhada no século XVII por um estudante alsaciano em sua tese de medicina, para se referir à moléstia a que sucumbiam os soldados suíços que se viam longe de suas montanhas nativas. No seu caso, era o contrário: nostalgia era a falta dolorosa que sentia dos lugares que jamais conhecera.

Ele havia envelhecido de repente - talvez fosse isso. Havia completado quarenta e quatro anos; nessa idade não se faziam mais explorações.

Alguém dissera uma vez que a vida romântica não era adequada a um autor de narrativas românticas: que ninguém se tornava melhor como escritor de histórias de aventura por ter aprendido a cortar lenha e esfolar uma lebre. Talvez, agora que a vida se tornara costumeira, que uma rotina se estabelecera, que seu olhar indiferente se deparava com as mesmas coisas dia após dia, agora que não havia mais ardor em suas noites com Fanny, que, por preocupação com a saúde do marido ou por mera lassidão, mal lhe dava um beijo de despedida no rosto antes de adormecer, talvez agora ele conseguisse escrever alguma coisa de real valor, cheia de sangue e fogo de verdade.

Aparte aquela sinistra digressão que tanto ofendera Fanny, o livro em que estava trabalhando avançava num bom ritmo, e Stevenson sentiu que estava sendo ingrato com as Parcas, que haviam lhe concedido aquele momento feliz.

Desta vez, a crise durou várias semanas. Sempre que julgava estar melhor e tentava se levantar da cama, vinha-lhe

mais um paroxismo de tosse, manchando o lenço e deixando na bacia uma espiral de sangue. O doutor Funk, o médico da família, com seu nome improvável, vinha com freqüência, porém dizia a Fanny que não havia muito mais a fazer além de esperar e rezar, na esperança de que o organismo se recuperasse por conta própria.

Cerca de um mês depois, quando Stevenson já estava se sentindo bem o suficiente para passar algumas horas no escritório, não exatamente escrevendo, mas relendo o manuscrito interrompido e fazendo correções, Sosimo veio lhe dizer que Totei tinha voltado e queria falar com ele.

Stevenson levantou-se lentamente e foi até a porta, estendendo a mão num cumprimento. Totei recusou-se a apertar-lhe a mão.

"Eu o ofendi de algum modo?", perguntou Stevenson, surpreso.

"Lembra a minha filha?"

"Não cheguei a conhecê-la, Totei, mas me lembro da coisa terrível que aconteceu com ela. Soube também que não encontraram o assassino."

"Você viu, sim, Tusitala. Na festa. Ela estava dançando, e você a viu dançando."

Stevenson não disse nada. "Vaera foi... machucada antes de ser morta", disse Totei, como se procurasse a palavra acertada. "Eu sei, Totei. Lamentei muito, muito.

Lamento muitíssimo."

"Ela tinha catorze anos. Ia se casar. A mãe dela está louca de dor."

Totei disse em samoano umas palavras que Stevenson não entendeu e pôs um objeto diante de seus olhos.

"Isto... isto é seu?"

Stevenson olhou para baixo e viu que Totei segurava um chapéu de aba larga, que ele amassava com sua mão escura e grande. Olhou para o chapéu e depois para o homem.

"Ontem meu filho achou isso num arbusto perto do lugar onde encontramos o corpo de Vaera. Meu filho diz que o seu chapéu é como esse."

"É, parece mesmo o meu chapéu. Mas o meu está aqui, na casa."

Stevenson olhou para o chapéu de novo e depois para o cabide de chapéus junto à porta. O seu não estava lá.

"Totei, entendo como você deve estar se sentindo e eu também estou muito triste, mas não é possível que seu filho me considere envolvido nisso.

Talvez eu tenha deixado meu chapéu cair no dia em que fomos juntos até lá."

"Você não estava de chapéu naquele dia. Eu lembro. Pensei que agora você estava mais parecido conosco, sem medo do sol."

"Por favor, Totei, acalme-se. Estou certo de que esse chapéu deve ser de outra pessoa. Ou então alguém levou o meu e o perdeu na montanha. Olhe: se você quiser, vamos falar com o magistrado de novo. Vamos lhe mostrar o chapéu e dizer-lhe onde foi encontrado. Ele vai saber o que fazer."

Totei jogou o chapéu sujo no chão.

"O magistrado é branco."

"Só por parte de pai. A mãe dele era filha de Mataapaeia."

"Ele é branco, eu lhe digo. Fala como branco. E você, Tusitala, é branco também. Não adianta falar." E foi embora.

Stevenson, dominado pela náusea, ficou parado no salão vazio.

Várias vezes ele tentou falar com Fanny a respeito do chapéu, mas não conseguiu. Durante a última crise de sua

doença, ela se tornara ensimesmada e distante. Desde que tinham se casado, ele a vira algumas vezes sucumbir a uma espécie de melancolia, e quando estava assim ela não o deixava aproximar-se. Stevenson sentia uma tristeza insuportável. A casa, que no início lhe dera tanto prazer, quando arrumavam os móveis e faziam planos para ampliar cômodos e aumentar o espaço, agora lhe parecia um mausoléu, úmido e sombrio. O que antes fora novo já parecia estar apodrecendo, pois no clima tropical tudo se estragava depressa. O cupim se apossara da mobília da varanda: nuvens desses insetos haviam chegado uma noite, e, depois de perder as asas, começaram a perfurar a madeira das mesas e cadeiras, deixando no chão uma película prateada. Uma pequena camada de musgo cinzento cobria as cortinas que haviam chegado da França apenas dois anos antes e teias de aranha estendiam-se nos cantos das janelas, embora os criados as limpassem todos os dias. E os seus livros, que ele trouxera cuidadosamente embalados e etiquetados, agora ostentavam manchas de fungo verde e serviam de moradia para um minúsculo tipo de besouro que punha os ovos entre os cadernos. Até mesmo a cera e o verniz que Fanny insistia em passar na sua cadeira e na escrivaninha, para protegê-las, pareciam ter se derretido no calor úmido e grudavam nas mãos quando ele sentava-se para escrever. Stevenson não havia conseguido voltar a trabalhar no livro.

Tinha a impressão de que abandonara seus personagens no meio de uma frase, que os perdera em algum lugar da página, que eles o aguardavam na escuridão

para que seu autor os salvasse. Mas sentia-se inútil, incapaz de criar. Sentou-se à mesa, pensando que talvez, se retomasse a atividade física, as palavras lhe viessem.

Correu os dedos pela faca de papel de marfim, pela beira do tinteiro de prata, pelo cágado chinês de pedra-sabão, pela medalha com a efígie do príncipe Carlos Eduardo, o Jovem Pretendente. O que poderia ele invocar - ele que um dia dissera que Deus não passava de uma ficção? Essa descoberta perturbara muito seu pai, um presbiteriano severo; em desespero, o velho escrevera ao filho rebelde uma carta que este guardara mesmo depois que os dois se reaproximaram:

Por você trabalhei e não medi esforços -para no final de tudo constatar que você se opõe a Nosso Senhor Jesus Cristo... Para mim, dez vezes melhor seria vê-lo morto do que vê-lo abalando a fé de outros jovens e levando a outros lares a desgraça que você trouxe ao nosso.

Pai e filho levaram meses até voltarem a se falar, e embora o amor profundo que havia entre os dois jamais fosse questionado, alguma coisa entre eles mudou para sempre depois que essas palavras foram escritas e lidas. À medida que o tempo passava e o espaço e a experiência o afastavam mais e mais da casa do pai, uma sensação de crença no incognoscível, uma espécie de intuição de fé, voltou a se apossar de sua alma.

Porém mesmo agora, tantos anos depois, embora não negasse mais a existência de Deus, Stevenson ainda se sentia como um homem que espera, na porta de uma bela casa, numa longa noite de inverno, a hora de ser chamado para entrar.

Houve uma batida na porta e um dos criados veio dizer-lhe timidamente que o magistrado queria falar com ele.

O magistrado era um homem alto que andava sempre com os ombros caídos, como se tivesse vergonha de sua própria altura. Sorria muito, o que deixava algumas pessoas à vontade e causava um desconforto terrível em outras, fato que

ele sabia explorar em proveito próprio. Gostava do homem mais famoso de Samoa, e os dois haviam passado muitas noites trocando histórias e mexericos. O magistrado sentou-se na cadeira em frente à de Stevenson e começou a abanar-se com um pequeno abano de papel.

"O senhor não está com uma cara nada boa, se me permite o comentário.

É essa umidade logo depois do tempo das chuvas, o senhor sabe. Ruim para o peito."

"Mas bom para a agricultura. Diz o Sosimo que vamos ter ótimas safras ano que vem."

"Ele tem razão. Tem tempo para uma conversa?"

"De amigo ou profissional?"

"Um pouco de cada coisa."

"Vamos lá. Imagino que seja a história da filha de Tootei."

"A família está arrasada. Uma coisa terrível. Uma menininha linda. Ia se casar. O Tootei lhe falou sobre o chapéu?"

"O senhor acha que o criminoso o deixou lá?"

"Acho, sim. Havia sangue na borda, como se ele tivesse tirado o chapéu depois, segurando-o assim."

O magistrado demonstrou com o abano.

"Mas por quê?"

"Por que tirou o chapéu? Para enxugar o suor da testa, talvez."

"Claro, claro. Bem, acho que não é o meu chapéu, mas não tenho certeza."

"O seu não está aí?"

"Não, não consigo encontrar. Devo ter perdido, mas não me lembro quando."

"O senhor não tinha subido a montanha recentemente?"

"Recentemente? Não."



O magistrado sorriu um sorriso largo e encolheu o pescoço, como uma tartaruga.

"Eu é que jamais subiria lá. Não agüentaria a subida, sabe?"

Ele se abanou com força, como se só de pensar sentisse mais calor ainda. Então perguntou:

"Tem visto algum estranho por perto de Vailima?"

"Estranho? Não", respondeu Stevenson depressa demais.

"Tenho ouvido uns boatos, sabe? Um certo missionário do seu país. Coisa engraçada - esses recém-chegados. As pessoas aqui inventam uma reputação para as caras novas.

O senhor entende o que eu quero dizer. Uma pessoa nova aparece e na mesma hora é acusada de todos os crimes possíveis e imagináveis, sem a menor base na realidade.

Às vezes eu prendo um, pour encourager les autres."

"Ah, claro, entendo. O senhor Baker. Sim, eu o encontrei por acaso na praia.

Um cavalheiro inofensivo, pensei. Cheio de histórias de pecado e inferno, mas eu não o imagino capaz do menor ato de violência. Todo cheio de princípios morais, o senhor entende."

"Claro, claro. Sim, todos os recém-chegados, especialmente os missionários, vêm acompanhados de boatos maldosos. Às vezes são os nativos, mas muitas vezes são outros missionários rivais que compilam esses catálogos de atrocidades para divulgar entre seus irmãos de fé. Pelo que já ouvi, o tal de Baker é acusado de roubo, estupro, assassinato legal, envenenamento, aborto, estelionato. Estranhamente, não o acusam de ser falsário nem incendiário."

"É curioso como as acusações se acumulam neste mundo do Pacífico Sul, não é? Aposto que o meu caráter também deve ser muito falado."

"Falado apenas no bom sentido, senhor Stevenson. Apenas no bom sentido. E agora não vou incomodá-lo mais."

Depois que o magistrado se foi, Stevenson permaneceu alguns minutos absorto em seus pensamentos. Em seguida, pegou a pena, mergulhou-a na tinta e escreveu:

Somos maus, ó Deus-, ajudai-nos a compreender isso e a corrigir-nos.

Somos bons; ajudai-nos a ser melhores.

Olhai para Vossos servos com olhar paciente,

Tal como enviais sol e chuva, olhai para nós,

Dai vida nova aos ossos ressequidos;

Recriai em nós a disposição de servir, o espírito da paz;

Renovai em nós o sentimento de júbilo.

Limpou a pena e recostou-se na cadeira. Não era isso que pretendia escrever, mas a necessidade de rezar fora mais forte que a vontade de continuar sua história.

Pensou por um momento no senhor Baker, que ele não via (só agora se dava conta) havia muito tempo e a respeito de quem sabia tão pouco. Ocorreu-lhe que o senhor Baker teria aprovado aquela prece.

Era quase dezembro, o mês das chuvas quentes, e Stevenson havia ido de carroça até Apia para comprar mantimentos com Sosimo. Tinham acabado de fazer o pedido quando teve a impressão de ver o missionário entrar no bar na esquina do mercado.

"Aquele homem" - e apontou rapidamente, para que Sosimo pudesse vê-lo. "Você o conhece?"

O administrador sacudiu a cabeça, mas o chinês da mercearia respondeu, cuspiendo no chão de madeira:

"Eu conheço esse homem. Semana passada mesmo ele entrou aqui e começou a gritar umas histórias de pecado e perdição.

Depois pegou um dos meus machados e começou a quebrar os barris de bebida. Chamei os guardas do mercado, mas já era tarde. Ele já tinha rebentado seis barris, e agora ninguém me paga o prejuízo."

"O que fizeram os guardas?"

"Quando chegaram, ele já tinha ido embora. E o senhor por acaso já ouviu falar de algum missionário ser preso em Samoa?"

"Então por que é que ele vai ao bar?"

"Não é para beber, isso eu garanto. Vai é pregar. Tenta estragar o prazer de todo mundo falando em vinagre e bile."

"Ele converte alguém?"

"Não, mas as pessoas caem fora quando o vêem chegar. O dono do bar não gosta nem um pouco."

Stevenson deixou Sosimo cuidando de empacotar as compras, atravessou a rua e entrou no bar. Sua vista levou alguns minutos para acostumar-se com a escuridão. Então viu o senhor Baker num canto, conversando com uma nativa e segurando-a pelo braço. Quando percebeu a presença de Stevenson, soltou a mulher, que escapuliu pela porta dos fundos.

"Pelo visto, o senhor progrediu: passou do recenseamento para a pregação dominical", disse Stevenson.

"O ar aqui é tão pesado de corrupção que tenho dificuldade em respirar.

Eu mostro a eles o que está por vir, e eles não gostam do fogo eterno."

"Acho que o senhor devia terminar seu recenseamento e ir embora. O presidente vai acabar sabendo das queixas, e a situação pode ficar desagradável para o senhor."

"Não é o presidente deste municípiuzinho de Apia que temo. O senhor não sente o cheiro do fogo que se aproxima? Não sente o calor, as cinzas nas narinas? É o que digo a eles, mas já estão tão perdidos que não atentam para nenhum alerta. Foi o que expliquei ao seu magistrado. Ele veio falar comigo. Nós conversamos."

"Ele lhe perguntou sobre... sobre o que aconteceu na montanha?"

"Eu disse a ele que essas coisas não deviam surpreendê-lo aqui. Tudo é corrupto e repugnante. Aquela moça não foi nenhuma perda. O senhor a achava bonita?" A voz do senhor Baker estava pastosa e pequenas bolhas de espuma branca se concentravam nos cantos de sua boca.

"Eu não a conhecia."

"Ah, eu pensei... Bem, ela já foi tarde."

Stevenson recuou, com se um perdigoto lhe tivesse atingido o rosto.

"Não diga uma coisa dessas."

"O dia do juízo está chegando. Então vamos ver o que se perde e o que se ganha. O seu pai não lhe disse essas exatas palavras uma vez?"

A fumaça, combinada com um cheiro forte e adocicado, como de jasmims a murchar - só agora ele se dava conta desse cheiro -, fazia-o sentir-se um pouco tonto, e era com dificuldade que conseguia focalizar a imagem do senhor Baker, que se balançava para a frente e para trás em sua cadeira, levando o copo para muito perto da beira da mesa. Por um longo momento, Stevenson sentiu-se tentado a deixar o missionário balançar-se mais e mais e ouvir o copo espatifar-

se no chão duro. Obrigou-se a dizer, não tanto como oferecimento mas como ordem: "vou acompanhá-lo até seus aposentos."

"O senhor tem razão. Eu vou. Isto aqui é uma perda de tempo."

Atravessaram o mercado e entraram num labirinto de ruas molhadas, fedendo a repolho e peixe. Entraram num pequeno beco sem saída, alcançando um portão de madeira, um caminho de pedras elevadas e por fim uma porta, que ao ranger fez latir uma multidão de cães invisíveis. Subiram dois lanços de uma escada precária e por fim entraram num cômodo grande, sem mobília, cuja entrada era protegida apenas por uma cortina de miçangas.

Lá dentro uma mulher gorda estava sentada no chão, aparentemente dando comida a um grupo de crianças de várias idades. Ao ouvi-los entrar, a mulher virou-se e Stevenson viu a expressão de pavor em seu rosto largo. O senhor Baker, sem sequer olhar para ela, atravessou a sala e entrou no recinto adjacente. Ali também Stevenson não viu quase nenhuma mobília fora uma estante bamba, com uns poucos livros surrados, uma mesa quadrada e duas cadeiras de bambu aglomeradas num canto, bem na fronteira do círculo de luz projetado por um lampião de óleo dependurado do teto.

"Traga-nos alguma coisa para beber", ordenou o senhor Baker, e sentou-se numa das cadeiras, indicando a outra a seu convidado. Stevenson ouviu passos afobados e um ruído de panelas e pratos; por fim uma mãozinha negra surgiu da escuridão atrás deles e pôs uma garrafa e dois copos na mesa.

O senhor Baker encheu os dois copos e empurrou um deles para Stevenson.

"Beba. Para morar neste lugar infernal, é preciso fortificar não apenas o espírito, mas também o corpo."

"Eu pensei que o senhor fosse abstinente", disse Stevenson.

"Eu não sou, mas eles têm que ser", retrucou o senhor Baker lentamente. "Eu sei seguir a estrada à minha frente; para eles, cada gota é mais um fator de dispersão. Por mim, eu os deixaria arder na sua própria perdição, encharcando-os com esse álcool de que tanto gostam, e depois riscaria um fósforo para tocar fogo em tudo. Abomino esta humanidade perdida."

"E eu? Eu não sou uma alma perdida pelo álcool?"

O senhor Baker riu. "Isto o senhor é que tem que decidir."

"Não me nego um bom copo e um prato. Nem negaria a nenhum outro ser humano. O amor à vida é uma paixão forte, e sempre me deixei arrastar por ela, mesmo em coisas triviais como comida e bebida."

"É mesmo?", exclamou o senhor Baker. "Pois eu nego que o amor seja uma paixão forte. O medo é uma paixão forte; é com o medo que devemos brincar, se queremos sentir os prazeres mais intensos da vida."

"Eu também tenho medo, mas sirvo-me dele para amar a vida ainda mais."

"Uma vida que desfaz seus pulmões até reduzi-los a frangalhos e o faz tossir até manchar seus lenços de sangue?"

"O sangue nos meus lenços é um acidente? não influencia minha visão da vida. Não me atinge, não muda nenhuma parte essencial minha."

"É o que o senhor diz. Se lhe fosse possível recuperar a saúde ao preço de privar esses miseráveis não só do álcool, mas também do pão e da água, o senhor aceitaria.

Sacrificaria a alma de qualquer homem em troca do seu conforto pessoal."

"O senhor sabe que isso não é verdade."

O senhor Baker sorriu. "Por sorte, o senhor não tem como pôr à prova essa disputa."

"Lamento, porque gostaria de lhe provar que é esta a minha posição."

Fez-se um longo silêncio, durante o qual Stevenson ficou observando o sorriso ralo e desagradável do senhor Baker, na fímbria do círculo de luz do outro lado da mesa.

Sentiu necessidade de quebrar o silêncio.

"O senhor tem razão. Nossa civilização é uma falsidade oca. Todo o prazer da vida é sacrificado por ela. Tudo o que se ganha em troca é a possibilidade de que um grande número de pessoas possa continuar a viver simultaneamente, todos infelizes, sobre a face da terra. Mas há muitos instantes de felicidade absoluta, vislumbres do paraíso, e é para esses instantes que vivo. No entanto, eu não aceitaria causar o sofrimento de nenhuma pessoa, nem mesmo em troca de um desses instantes."

Stevenson começou a sentir-se sonolento, por causa do vinho.

Olhava fixamente para a escuridão ao redor; teve a impressão de entrever, por trás de seu anfitrião, obscuros contornos de uma luz claudicante, como se objetos úmidos ou oleosos estivessem deslizando silenciosos ao longo das paredes. Ouvia, pouco acima do limiar da audição, vagos sons de riso ou canto, e também soluços abafados, uma pessoa (disse ele a si próprio) que não quer que ninguém saiba que ela está chorando. O movimento contra as paredes parou e em seguida recomeçou, ligeiramente obsceno. Stevenson desviou a vista.

Agora suas pernas estavam pesadas, quase dormentes, mas quando as esticou debaixo da mesa teve a impressão de estar penetrando um vácuo, como se seus pés estivessem se enfiando num buraco no chão de madeira, de modo que foi obrigado a agarrar-se aos braços de sua cadeira de bambu

para não afundar. Não conseguiu conter uma interjeição de susto, e em seguida sentiu-se envergonhado; levantou a vista para ver se o senhor Baker havia percebido, mas o missionário continuava a sorrir tal como antes; embora não lhe fosse possível enxergar os olhos do outro, pareceu-lhe que o homem olhava para ele não com deboche, mas com prazer.

De súbito, assaltou-o a impressão de que haviam se passado várias horas desde que ele entrara no quarto com o senhor Baker. Teria o homem acabado de dizer alguma coisa?

Ele não sabia. Ao lado da garrafa, que mais uma vez estava cheia, havia um prato com peixinhos fritos em que Stevenson não reparara antes, e os olhos negros e fixos dos peixes pareciam-lhe fazer parte de uma única criatura redonda, horrenda, que o contemplava do meio da mesa. Que horas seriam? De algum lugar, um cômodo de fundos, vinha o tique-taque de um relógio.

Stevenson lembrou a história do monge que copiava um manuscrito e teve a atenção atraída pelo canto de um pássaro. Foi ao jardim para ouvir a ave mais de perto e, quando voltou, após o que pensava ser um intervalo de alguns minutos, constatou que havia se passado um século, que seus companheiros de mosteiro estavam mortos e que a tinta em seu tinteiro havia virado pó. O canto do pássaro lhe proporcionara um antegozo do Paraíso, onde um instante é como cem anos de tempo terreno. Seria assim também no inferno?, perguntou-se Stevenson.

Emergindo da escuridão, a mãozinha apareceu para encher seu copo. Stevenson viu o vinho subir até a borda. Conseguiu pronunciar as palavras apropriadas para dizer a seu anfitrião que precisava voltar, que Sosimo estava a sua espera. Em seguida, desmaiou.



Deitado de costas, quase como se sonhasse, ele via o teto do quarto, um círculo imenso no qual o lampião se destacava, redondo como um olho. Sentiu que estava sendo carregado, passando sob outros tetos amarelos e cômodos escuros; ouvia gemidos, súplicas, soluços, sentia mãos tentando agarrar-lhe as roupas e a carne, rasgar-lhe o peito, uma dor lancinante perpassou-lhe o corpo. Um cheiro horrível chegou até suas narinas, um cheiro de carne apodrecida; em seguida, veio uma infusão de ar fresco, embora quente, da noite lá fora. Depois não sentiu mais nada. No dia seguinte, Sosimo disse que o havia encontrado profundamente adormecido em meio às compras, na parte de trás da carroça.

Na quinta-feira começaram as chuvas, lençóis negros de água que ocultavam tudo e abafavam todos os outros sons. Fanny havia ficado muito zangada quando Stevenson lhe contou o que havia acontecido, mas a chuva matinal pareceu ter o efeito de mudar-lhe o humor e à tarde ela já sorria. Ele não se sentira mal durante o dia inteiro.

Estava tão bem-disposto que até aceitou o convite do presidente para jantar naquela noite, em homenagem a alguma autoridade. Stevenson em geral não gostava de reuniões sociais desse tipo, mas naquela noite sentia-se exultante, sem saber por quê, e queria (uma atitude infantil, dizia a si próprio) exhibir-se. Deu o nó na gravata diante do espelho, vendo sua mulher, atrás dele, vestir o espartilho.

Pôs-se a recordar o dia em que conhecera Fanny. Era uma tarde de verão e havia um grupo de hóspedes do pequeno hotel em Grez, perto de Fontainebleau, sentados à mesa. Ele chegava de uma caminhada pelo bosque, com uma mochila às costas, sentindo-se revigorado pelo ar estimulante da França, e, vendo que o jantar estava sendo servido, entrou pela janela, o que muito divertiu seus amigos. Entre os hóspedes havia várias pessoas que ele não conhecia, mas sua atenção

foi atraída por uma americana de cabelos negros e boca carnuda, acompanhada pela filha de dezessete anos e o filho de oito. Fanny era doze anos mais velha que ele, uma mulher casada que largara o marido terrível em San Francisco e fugira para a Europa. Seu filho mais moço morrera de gripe em Paris e agora ela estava na França com os dois filhos sobreviventes, tentando reconstruir a vida. Stevenson disse depois que jamais tinha se impressionado tanto com a vitalidade e a força de um rosto humano.

"Você se apaixonou por mim porque achou que eu era o demônio", Fanny disse a ele pouco depois que se casaram.

"Todo mundo sabe que a beleza é clara e loura. Minha pele morena de cigana lhe disse que de mim você só poderia esperar um temperamento difícil."

E ela era mesmo difícil; naquele momento, porém, parecia serena, como se seu fogo se houvesse transformado em melancolia e a melancolia em calma, o que - ele esperava - era uma forma de contentamento. Stevenson pegou-lhe a mão, beijou-a, e desceram em direção à carroça que os aguardava.

A casa do presidente em Apia destacava-se como sede do governo não por ser luxuosa ou particularmente bonita, mas apenas por seu tamanho. Erguia-se de uma encosta que dominava a cidade, seguindo o modelo exato das outras casas coloniais de Apia: varanda de treliça, telhado branco inclinado como um tronco de pirâmide, que sempre precisava ser consertado após a estação das chuvas, e janelas compridas com persianas, que impediam a entrada dos raios mais fortes de sol mas não das nuvens de insetos que atacavam à noite, atraídos pela luz amarelada dos lampiões. Os Stevenson foram recebidos por um criado de libré, um nativo, que ajudou Fanny a saltar e depois tomou, nervoso, as rédeas da mula.

Enquanto a esposa do presidente levava Fanny para conhecer "a encantadora madame Verdein" (ao que parecia, a esposa de um comerciante belga, amante da literatura, que havia "devorado tudo o que foi escrito pelo monsieur Stefansson"; era tímida demais para se defrontar com o escritor em pessoa, mas sentia-se merecedora de prestar adoração à esposa de seu deus), o presidente puxou Stevenson para um canto e pediu-lhe que não fizesse nenhuma menção à "questão alemã", porque havia vários comerciantes alemães em visita oficial a Apia. Stevenson escrevera cartas indignadas aos jornais condenando o episódio em que os alemães tinham bombardeado uma aldeia samoana, e essas cartas haviam criado uma situação desagradável nos círculos diplomáticos; tendo em vista as recentes guerras tribais ocorridas na ilha, o presidente estava ansioso por manter a situação o mais tranqüila possível. Ofereceu a seu convidado um copo de vinho.

Stevenson não aceitou. "Eu bem que gostaria, mas parei de beber e fumar. Ordens do médico. E no entanto", acrescentou, rindo, "sou o tipo de pessoa que não consegue conceber a vida sem uma garrafa de vinho tinto na mesa, ou sem fumo, com sua brasa viva tão bonita!"

"Quem me dera que mais pessoas tomassem a mesma decisão que o senhor. Tem havido uma verdadeira epidemia de incidentes por toda a ilha, boa parte deles causada pelo álcool, creio eu, a começar com aquele estupro e assassinato na montanha, e mais uma série de espancamentos e destruição de propriedade. Uma tribo põe a culpa na outra, quando não acusam os missionários. Funk acha que pode ser alguma coisa na bebida que tem chegado aqui. Soube que houve uma onda de violência semelhante em Tonga, alguns anos atrás."

"É verdade", interrompeu uma voz atrás deles. Era o magistrado que se debruçava sobre os dois, recurvo e sorridente. "Numa ilhota afastada, um grupo de nativos cismou que o demônio havia possuído seus amigos, pais e irmãos. Por isso, trucidaram essas pessoas e queimaram outras numa pira. Mataram até crianças pequenas. Uma coisa horrível. Pelo visto, cada vez é de maneira diferente, essa onda de loucura. Não sei exatamente o que é que está acontecendo aqui, mas ao que parece alguns missionários estão consultando em segredo os curandeiros locais, para realizar exorcismos conjuntos. Pelo visto, quanto mais crente, melhor." E o magistrado caiu numa gargalhada estrepitosa.

"Será por causa de nós? Será a nossa intrusão que leva essa gente à loucura?", perguntou Stevenson.

"As gravuras rupestres lá nos penhascos agora estão quase invisíveis, de tão desbotadas. Dizem os samoanos que essas inscrições são tão antigas quanto as montanhas, que foram escritas pelos deuses quando terminaram de fazer o mundo. Mas com a nossa chegada, nós, os brancos, afastamos as pessoas do culto aos deuses, e por isso os deuses resolveram apagar a assinatura que deixaram na obra deles. Segundo os deuses, a culpa é dos intrusos, ou seja, nossa."

"O senhor já viu essas inscrições?", perguntou o magistrado.

"Já, já vi o que resta delas."

"Não foi nessa ocasião que o senhor perdeu o chapéu, foi?"

"Seu chapéu?", indagou o presidente.

Stevenson respondeu: "O magistrado acha que era meu o chapéu encontrado junto ao corpo da moça."

"Não, não, claro que não! Por favor, não me entenda mal", implorou o magistrado.

"Eu perco um chapéu por semana aqui", disse o presidente, sorrindo. "Agente tira para enxugar a testa, recoloca e o vento leva."

com o rabo do olho Stevenson viu Fanny aproximando-se, trazida por uma mulher robusta que usava um mumu com bainha de renda.

"Robert, madame Verdein gostaria de conhecê-lo, mas ela é muito tímida."

Stevenson sorriu.

"Ela tem a impressão de que o viu ainda há pouco, no mercado. Eu disse a ela que deve ter sido o seufetch."

"Fetch?", indagou a senhora gorducha.

"Uma espécie de fantasma, madame. A imagem desencarnada de uma pessoa viva. Quando ele aparece, supostamente indica que a morte da pessoa está próxima", explicou Stevenson.

"Que horror!", exclamou a senhora, com um frêmito.

"Mas nem sempre, não é, Robert? Eu pensava que fosse mais uma espécie de sombra da pessoa, uma sombra com vida própria."

"É o que a gente chama de adaro aqui", disse o magistrado. "Só que o adaro não parece o corpo que ele habita. Parece uma ave."

"Ave, sombra ou fetch, eu não estive no mercado hoje, madame Verdein."

De repente houve um rebuliço no salão principal. O presidente pediu licença e afastou-se. O magistrado foi junto com ele. Os convidados estavam todos acorrendo à varanda.

"Fogo!", gritou uma voz.

Stevenson, Fanny e madame Verdein disputaram espaço com as cabeças curiosas para ver a cidade lá embaixo. De

algum lugar no centro elevavam-se labaredas e uma coluna de fumaça negra destacava-se contra o céu límpido da noite.

"O que houve?", indagou Stevenson.

"Dizem que é o bar. Pegando fogo", respondeu um dos convidados.

O magistrado pôs a mão no ombro de Stevenson.

"Tenho que ir."

"Permita-me que o acompanhe", pediu Stevenson.

Fanny protestou. "Robert, a fumaça."

"Não há problema. Não vou demorar."

Subiram na carroça do magistrado e seguiram pelo caminho aberto a sua frente. Quando chegaram ao mercado, foi impossível atravessar a multidão. Por fim saltaram e seguiram correndo; Stevenson surpreendeu-se com a rapidez do magistrado e a docilidade de seus próprios pulmões. O calor os atingiu antes que chegassem a romper a barreira de curiosos. O magistrado viu um de seus assistentes alguns metros à frente, no meio da multidão, e gritou-lhe uma pergunta em samoano. Traduziu a resposta para Stevenson.

"As portas estão trancadas e as pessoas estão presas lá dentro. Foram pegar os machados."

Agora, em meio aos barulhos da multidão e ao crepitar do fogo, Stevenson ouvia os gritos, estridentes e prolongados como os de animais assustados.

"Quantas pessoas?"

"Ninguém sabe. Mas a esta hora o bar costuma ficar bem cheio. E mais as mulheres, é claro."

O magistrado foi se embrenhando por entre as pessoas e Stevenson o acompanhou. A fumaça era espessa, e à medida que se aproximavam do fogo Stevenson sentia que estava começando a sufocar, mas não conseguia voltar atrás. Vários homens já estavam golpeando as portas do bar com

machados. Braços grossos e escuros saíam das pequenas janelas gradeadas, agitando-se nervosos. Baldes de água trazidos por uma corrente humana eram despejados inutilmente sobre as chamas. O calor era tremendo.

Por fim as portas foram quebradas. As chamas avolumaram-se de repente, alimentadas pela onda de oxigênio, e então, por um longo momento, houve um silêncio terrível, sinistro. Cinco ou seis homens embrulhados em panos úmidos enfrentaram a fornalha. Um instante depois, Stevenson os viu trazer para fora um vulto vagamente humano, negro como carvão.

Um uivo súbito elevou-se da multidão.

Dois, três outros corpos foram retirados. Então, com um estalido medonho, as vigas do telhado cederam e um membro da equipe de salvamento ficou preso lá dentro.

O magistrado gritava ordens, aparentemente para ninguém em particular. Uma criança começou a chorar.

Uma das mulheres da multidão apontou com o dedo e gritou. Várias cabeças viraram-se para olhar. De repente Stevenson deu-se conta de que estavam olhando para ele.

A mulher não parava de gritar. Outras vozes juntaram-se à dela. A turba foi se aproximando de Stevenson. Mais que depressa, o magistrado agarrou-o pelo braço.

"Vamos embora."

"O que houve? O que é que estão dizendo?"

"Vamos embora. Ela diz que viu o senhor aqui, carregando um lampião a óleo. Acusa-o de ter provocado o incêndio."

"Eu? Mas isso é absurdo!" Stevenson começou a protestar, mas o magistrado era um homem forte. Quando viraram a esquina, uma saraivada de pedras pequenas

passou raspando por eles. Stevenson sentiu um golpe no ombro esquerdo.

"As multidões têm necessidade de encontrar um bode expiatório", disse o magistrado depois que voltaram à carroça, dando uma volta por ruas secundárias.

"Mas o senhor não pode explicar que estava comigo, que me viu na casa do presidente?"

"Eles não iam me ouvir. Eles também inventam histórias - só que acreditam nelas."

Uma semana depois, Sosimo levou seu patrão à cidade novamente. Desta vez, porém, quando chegaram à venda encontraram as portas fechadas e as persianas baixadas.

O proprietário chinês, que se orgulhava de ter entre seus fregueses a maior celebridade da ilha, estava sentado numa cadeira de balanço de bambu, imóvel como uma pedra.

"O senhor não vai abrir?", disse Stevenson após cumprimentá-lo. "Estamos precisando de algumas coisas."

O homem não respondeu. O que fez foi levantar-se lentamente e caminhar, arrastando os pés, em direção ao fundo do prédio.

Stevenson correu atrás dele, mas o velho escapuliu entrando por uma porta lateral. Seu freguês ficou parado por alguns minutos, sem saber o que fazer, até que se virou para Sosimo, que havia assistido à cena da carroça.

"Sosimo, você sabe o que está acontecendo?"

O criado deu de ombros. Um menino pequeno, provavelmente neto do proprietário, espiava por uma janela suja; logo sumiu, puxado por uma mão grande. Alguns segundos depois, reapareceu atrás do prédio e ficou olhando para o homem branco magro que estava parado na escada da loja de sua família.

"Por que a loja está fechada?", perguntou-lhe Stevenson.

"Não está fechada", respondeu o menino.

"Não está fechada? Então por que é que a porta está trancada? Por que seu avô não nos deixa entrar? Diga a ele



que precisamos comprar umas coisas."

"Os outros podem comprar", disse a criança. "Você, não."

"Eu, não? Mas por quê?" Stevenson de repente sentiu-se ridículo, exigindo explicações de uma criança de seis anos de idade.

"Porque o vovô falou que você é mau", respondeu o menino, e voltou correndo para dentro.

"Mau? Mau?", Stevenson repetiu em voz alta. Então virou-se para o empregado.

"Sosimo, o que significa isso?"

"Não tem importância. Vamos ter que ir à outra loja, depois da ponte", respondeu o homem, prático. "Lavai estar aberto."

A outra loja, um galpão desengonçado que continha pouco mais que alguns sacos de farinha, pilhas de açúcar, velas, rum e fumo, pertencia a um velho francês beberrão, que chegara a Samoa tantos anos antes que ninguém mais lembrava quando isso acontecera. Seu estoque era sempre limitado porque ele quase nunca pagava os fornecedores, e as mulheres não gostavam de ir lá porque ele as devorava com os olhos vermelhos e não dizia nada.

Naquele dia o francês estava sentado num banco de três pernas, matando moscas. Sosimo desceu da carroça e, com uma expressão de repulsa, começou a escolher alguns artigos embaixo do balcão. De súbito, Stevenson viu com o canto do olho um outro vulto sentado à sombra mosqueada de um pé de fruta-pão. Reconheceu-o de imediato, mas o homem não deu nenhum sinal de reconhecimento.

"Senhor Baker?", perguntou Stevenson. "Creio que eu devia lhe agradecer." "Agradecer-me, senhor Baker? Por quê?" "Por ajudar na limpeza desta ilha maldita. Por dar fim às porcarias que eles faziam lá no centro." "Do que é que o senhor está

falando?" "Conversamos sobre o fogo naquela noite, nos meus aposentos. O senhor certamente está lembrado. Do fogo purificador que é uma antevisão do fogo que há de vir.

Eu sabia que o senhor ia entender. O senhor também os odeia."

"Odeio? O que o senhor quer dizer com isso?"

"O senhor não entende por que sofre tanto enquanto eles vivem rindo, bebendo e fornicando. Por que os seus pulmões apodrecem enquanto eles, jovens de fé precária, que mal conseguem pensar e jamais rezam, se arrastam numa vida miserável, cada vez mais distantes de Deus. Por que essas almas danadas podem respirar bem. O senhor também os odeia, porque olha para aquela carne saudável e sabe que ela está ali para tentá-lo, para lhe provocar o desejo. E sabe que este lugar não pode ser purificado sem destruição."

"O senhor está louco."

"Absolutamente. O seu... como dizer? Desejo? Anseio? Sua vontade? Seja o que for, é mais forte do que o senhor pensa, e quando desafiada é capaz de maravilhas. O senhor foi visto no bar antes do incêndio começar."

"Isso é um absurdo. Eu estava na casa do presidente."

O senhor Baker riu um riso seco e curto, e disse: "É, eu sei. Mas obrigado assim mesmo. Sua ajuda foi muito apreciada".

Sem dizer mais nenhuma palavra, Stevenson voltou apressado para a carroça, o suor escorrendo pelo rosto e pelo pescoço, e esperou que Sosimo terminasse de carregar o veículo. Depois, a caminho de casa, a leve brisa que soprava não lhe proporcionou nenhum alívio.

Fanny ainda estava dormindo quando Stevenson acordou na manhã seguinte. Ele se vestiu e saiu no momento exato em que o sol nascia; os primeiros raios quentes já atingiam as raízes e galhos mais baixos dos arbustos ao redor da varanda,

deixando o resto imerso na escuridão. O ar estava dourado de poeira.

Stevenson ouviu um ruído entre as folhas e viu a figura rotunda de Tootei surgir e colocar-se imóvel a sua frente no caminho. Stevenson deu-lhe bom—

dia, mas Tootei não respondeu, e por um segundo os dois ficaram se encarando à luz crescente da manhã. Então, Tootei falou:

"Tusitala, eu conheço a história."

"Que história, Tootei?"

"A história do que aconteceu na montanha, e a história do que aconteceu no bar. É tudo uma história só, e Tusitala também conhece."

"Não conheço, não, Tootei. Conte-me a história."

"A história começa como uma dessas que você nos conta, Tusitala. Começa com um homem chegando na ilha. O homem traz muitas coisas de sua terra - a cama, a mesa, os livros, a esposa - e começa a construir uma casa. Mas as coisas que ele trouxe não servem na ilha, ou então é a ilha que não gosta dessas coisas. E assim a cama fica úmida e insalubre, e a mesa não serve comida boa, e os livros se recusam a falar com ele, e a esposa se torna distante e já não o atrai. E por isso o homem começa a desejar coisas que não são dele, mas da ilha. Ele não conta para ninguém, mas à noite sonha com tudo o que não tem o direito de ter: um lugar para dormir em conforto, um corpo que não seja fraco, uma esposa que dê e receba prazer. Todas essas coisas existem na ilha e existem nos sonhos dele, mas ele não ousa se apossar delas quando acorda. E esse desejo o faz adoecer. Então um dia o desejo fica tão forte que sai de dentro do homem e parte sozinho, como um caçador, sem esperar pela manhã. Ele passa a noite inteira caçando, e depois que pega sua presa adormece, e o homem não sabe nada. Um dia o homem vê o que o seu

desejo fez, os atos maus e a trilha de sangue, mas ele se recusa a acreditar. 'Eu sou senhor do meu próprio desejo', diz o homem, e fecha os olhos.

Assim, os atos continuam sendo feitos, e o homem continua se recusando a enxergar, até que um dia ele acorda de manhã e descobre que não está mais sonhando o seu desejo: é o seu desejo que o está sonhando. Ele está num sonho no alto de uma montanha e no sonho vê uma moça que seu desejo não consegue esquecer. E ele pega a moça e tem prazer com ela à força. E quando ela grita, ele a mata. Então acorda, e seu desejo lhe diz: 'Você fez bem, não pense mais nisso'. E noite após noite o desejo do homem o faz sair e o leva a lugares estranhos e lhe pede que faça coisas que ele esquece pela manhã, até que os sonhos se tornam insuportáveis e o homem não quer mais dormir. Essa é a história, Tusitala. Você matou minha filha, e tocou fogo no bar onde meu filho morreu queimado, e agora eu vou acabar com as suas histórias. vou matar você."

Stevenson viu o brilho do sol refletido na lâmina, e sem pensar caiu para um lado no momento em que Tootei investiu em sua direção. Por um momento, a cara redonda de Tootei apertou-se contra a sua, como se o outro fosse beijá-lo, e então, quando tentou levantar o joelho para se proteger, Stevenson ouviu o que parecia ser um sussurro prolongado, e todo o peso de Tootei desabou sobre ele.

Os grandes membros negros estrebucharam e depois amoleceram, e Stevenson sentiu dificuldade em respirar. Devagar, com muito esforço, conseguiu sair de debaixo do cadáver. Ficou deitado no chão, ofegante, ao lado do morto, cujos olhos ainda estavam abertos. Uma poça de sangue começou a escorrer de Tootei em sua direção, e quando

tentou se levantar Stevenson viu que o vermelho ficava cada vez mais vivo. Sentiu que todas as suas forças lhe escapavam. Só conseguiu se mexer quando sentiu que algo úmido estava encostando em sua mão.

Desta vez levou uma semana inteira para recuperar a consciência. Fanny disse-lhe depois que Sosimo o encontrou do lado de fora e o carregou até a cama. O doutor Funk foi chamado, bem como o magistrado, e enquanto aquele cuidava do doente este mandou o corpo de Tootei ser levado para que a família o enterrasse. Não foi preciso abrir inquérito, pois o que acontecera era evidente. Tootei havia tentado atacar Stevenson num acesso de loucura causado pela dor de ter perdido dois filhos, e caiu sobre sua própria faca. "Quanto menos publicidade", disse o magistrado, "melhor." Fanny agradeceu-lhe do fundo do coração.

Quando Stevenson despertou, com um gosto salgado na boca e uma dor forte no lado esquerdo, não sabia se era dia ou noite. Uma luz fraca penetrava as persianas. Primeiro imaginou que fosse a lua; em seguida ouviu vozes e concluiu que era dia.

Fanny entrou com uma bacia e um pano; sentou-se a seu lado e pôs-se a lavar seu rosto. Havia umas manchas de sangue na barba rala do queixo, sangue que ele havia tossido. Stevenson olhou para a mulher com gratidão e ela disse:

"Finalmente você acordou. Está dormindo há muito tempo."

"Eu disse alguma coisa?"

"Você teve uma tosse horrível e perdeu muito sangue. Não o deixei falar; a tentativa de falar piorava a tosse. Uma ou duas vezes você pronunciou meu nome. E o de Tootei. Você o chamava."

"Mais nada?"

"Numa ocasião, achei que você estava rezando - você murmurava palavras com se recitasse alguma coisa. Mas não consegui entender o que era. Meu amor, eu estava tão preocupada com você." Largou a bacia e pegou-o com as duas mãos.

Stevenson dormiu um pouco, mas um sono diferente, bem mais tranqüilo, que o revigorava; havia muito tempo que não dormia assim. Quando abriu os olhos, percebeu que era noite. Estava fresco. De repente viu um vulto parado ao pé da cama.

Tentou levantar-se quando se deu conta de quem era, mas caiu deitado sobre os travesseiros.

"O que é que o senhor está fazendo aqui?"

"Vim só visitá-lo", disse o senhor Baker. "Quis ver com meus próprios olhos como é a tal alegria de viver de que o senhor tanto fala. Mas só vejo olhos fundos cercados de olheiras, cabelo molhado de suor, respiração ofegante e lenços sujos de sangue. E imagino muito bem como devem ser as noites longas, intermináveis, quando não há a menor brisa e só-se ouve o zumbido penetrante dos mosquitos. Se eu fosse o senhor, meu amigo, acho que dificilmente continuaria tocando para a frente. Para quê? Isso tudo é o preço do pecado, e esse preço está sendo pago sem que haja possibilidade de redenção. Se eu fosse o senhor, dava fim a esta vida, maldiria Deus e morreria."

Stevenson permaneceu perfeitamente imóvel, sabendo que o menor movimento desencadearia outro acesso. Falou com uma lentidão cautelosa.

"Sei que minha hora há de chegar em breve, mas não penso nisso. O que adiantaria? É como pensar na respiração ou na mecânica do ato de andar. A coisa existe, sempre existirá, e não pretendo perder meu precioso tempo olhando para trás, para contemplar o rosto gélido da morte."

"Imagino que o senhor tenha consciência do que fez."

"O que eu fiz?"

"Os seus atos. Sua mão como instrumento de Deus. Um soldado no exército Dele. Tenho muita admiração pelo senhor."

"O senhor não sabe o que está dizendo."

"Ah, sei, sim, e o senhor sabe que sei. Através da carne, punir a carne, através do sangue, punir o sangue. Não houve pecado nas mortes que o senhor provocou. A moça, o irmão dela, o velho, eram todos inimigos da Verdadeira Causa. Que diferença faz se foi para satisfazer seu próprio desejo?"

"Eu não matei ninguém. Não permito que o senhor diga isso."

"Se foi a sua mão ou a minha, ou o destino, se preferir, que diferença faz? O senhor a desejava, tinha ânsia de possuí-la, e por isso a tomou. O senhor abominava aquelas multidões bêbadas que blasfemavam, porque elas eram cheias de vida enquanto a sua vida está se esvaindo, e por isso eu as destruí para agradá-lo. O ato foi feito, e o desejo era seu. Somos todos personagens da mesma história, como o senhor mesmo disse uma vez, e nossos papéis são intercambiáveis, até mesmo o papel do contador de histórias. E como contador de histórias, o senhor sabe que aquilo que o desejo evoca em seus sonhos se torna parte do pó que tocamos e do ar que vemos. Por que se recusar a crer nisso? Por que não aceitá-lo?"

Não se lembra da Religio mediei, aquela passagem que o agradava tanto?"

O senhor Baker pegou um livro na estante de Stevenson com perfeita segurança, como se estivesse em seu quarto. Abriu-o numa página marcada com um pedaço de papel amarelo. Leu:

Para ver-nos a nós próprios outra vez, não carece aguardar o ano de Platão: cada homem não é apenas ele próprio: muitos Diógenes tem havido, e igual número de Timões, ainda

que poucos tenham tido tal nome: os homens são vividos novamente, o mundo é agora tal como foi em eras findas; jamais houve homem algum que não tivesse alguém que fosse para ele, anos depois, como que uma paralela, seu próprio eu revivido.

Mais uma vez Stevenson tentou erguer-se dos travesseiros, mas o esforço era excessivo. Deixouse cair para trás, fechando os olhos, e o senhor Baker, em silêncio, colocou o livro a sua cabeceira.

"Agora que o senhor compreende isso, não é preciso que eu volte. Adeus, meu irmão."

Quando Stevenson voltou a abrir os olhos, o senhor Baker havia desaparecido.

Stevenson recuperou-se o suficiente para conseguir ficar recostado na cama, e depois de alguns dias já andava pela casa e pelo jardim. Caminhava pela alameda que, apesar dos esforços de Sosimo, nunca ficava livre de vegetação: raízes e trepadeiras que voltavam a crescer quase imediatamente após serem cortadas, frutas caídas que cuspiam sementes reluzentes da carne aberta em feridas, folhas largas que correições de formigas levavam de um trecho de mato para outro. Stevenson atravessou o arvoredor de fruta-pão e emergiu no sol. Ali parou e ficou a contemplar, com uma curiosa sensação de alívio, o que chamava de sua ilha. Um cavalo solitário no capinzal espantava moscas com a cauda, e além dele a trilha subia a montanha serpenteando, como uma cicatriz vermelha. "Morte ao nervo óptico", Stevenson repetiu a si próprio, mas era inútil, pois a paisagem se desenrolava como um pergaminho, fazendo-o sentir-se obrigado a ler o que nela estava escrito, as cores, as formas, os desenhos e seqüências, que ele traduzia em palavras quase



inconscientemente, como um homem que não consegue parar de falar sozinho.

Tentava não pensar no que havia acontecido. Ali, no calor verde, o que era proibido não era mencionado. O mal era tabu, indizível, não se concretizava em forma de palavra. Sobre as pedras de Edimburgo estava escrito, na letra gótica que tanto deliciara sir Walter Scott quando jovem, o Não dos mandamentos do Antigo Testamento; assim, nas caminhadas pela cidade, Stevenson sempre dava com seu olhar resvalando sem querer para as tentações proibidas, os pecados explicitados para que todos soubessem, oferecidos como num espelho escuro até mesmo àqueles que ainda não os haviam concebido, como um prazer invertido.

Cerca de uma semana depois, já estava de volta à sua mesa de trabalho, escrevendo. Sentia-se curiosamente excitado e no entanto inquieto, como se tivesse despertado de um sonho desagradável do qual não conseguia se lembrar. Fanny tentava fazê-lo ficar de cama pelo menos uma parte do dia, mas não adiantava. Ele lhe dizia que a nova história estava se formando muito depressa e que era preciso fixá-la de imediato, senão a perderia para sempre.

Trabalhava a manhã inteira, e à tarde levava o que havia produzido a Fanny, pedindo-lhe a opinião. A voz do senhor Baker, os gestos da pobre moça que morrera, a casa horrível com seus habitantes estranhos, até mesmo seus sonhos repulsivos entraram na história, e os mares do Sul se transformavam numa gélida paisagem setentrional em que os flamboaiãs eram igrejas e os riachos, ruas movimentadas. No sorriso cheio de admiração de Fanny ele encontrava sua confirmação e sua recompensa.

Precisava agora pôr em dia a correspondência; não as cartas de trabalho, que podiam ficar para depois, mas as

longas e amorosas missivas de amigos distantes, recebidas dois dias antes e ainda vivas em sua lembrança. Pôs-se a trabalhar; as horas passavam suaves.

Desceu quando o sol se pôs, brincou com Fanny a respeito da melancolia insistente de que ela não conseguia se livrar, falou sobre uma turnê de conferências que estava ansioso por fazer nos Estados Unidos, "já que estou me sentindo tão bem", e jogou cartas com ela para dissipar sua tristeza. Disse que estava com fome, pediu sua ajuda para fazer uma salada para o jantar e, para animar o modesto repasto, pegou uma garrafa de borgonha envelhecido na adega. Estava ajudando Fanny na varanda, conversando alegremente, quando de repente levou as mãos à cabeça e exclamou:

"O que foi?"

Caiu de joelhos ao lado dela. Gritou:

"Meu rosto mudou?"

Fanny pediu socorro e Sosimo veio correndo. Os dois carregaram-no até o salão e o puseram na poltrona que pertencera a seu avô. Fanny abaixou-se para beijá-lo. Ele já havia perdido a consciência.

O doutor Funk foi chamado, mas limitou-se a olhar e sacudir a cabeça. Stevenson já estava lá onde nada nem ninguém poderia ajudá-lo ou atingi-lo.

Nota:

## Sobre o escritor- Personagem

Alguns nomes (inclusive o do senhor Baker, de Tonga) e algumas expressões e descrições foram extraídos da correspondência de Stevenson (The Letters of Robert Louis Stevenson to His Family and Friends, seleção, organização, notas e introdução de Sydney Colvin, 2, vols. Nova York, Charles Scribner's Sons, 1899).

Romancista, ensaísta e poeta, extraordinário estilista e contador de histórias, Robert Louis Stevenson foi relegado, em nosso hipócrita século XX, a "escritor de aventuras", mesmo rótulo atribuído a Melville. E isso a despeito de contar, entre seus discípulos e defensores, com algumas das mentes mais brilhantes do nosso

tempo: Jorge Luis Borges, Graham Green e Ítalo Calvino.

Stevenson nasceu em Edimburgo, em 1850, numa família de engenheiros de portos e faróis que seguiam com severidade o calvinismo escocês. Sofria dos pulmões e, quando criança, passava as horas mais escuras deitado na cama à espera do que chamava de "bruxa da noite", com a babá fiel a seu lado, entretendo-o com histórias e canções.

Noites de insônia na infância e o medo de hemorragia em seus anos de adulto não o impediram, porém, de viajar pelo

mundo "não de ir a toda parte, mas de ir" -, primeiro à França, aos Estados Unidos e finalmente ao Pacífico Sul. Acabou instalando-se em Samoa, com sua mulher americana, Fanny, sua mãe idosa e dois enteados. Os nativos o chamavam Tusitala - "contador de histórias" - e o amavam por sua honestidade e inteligência. "Não há tarefa que mais subestimemos", ele escreveu, "do que a de sermos felizes".

Seus vários livros exploram a natureza humana por meio de aventuras extraordinárias, seja em romances de piratas, como *A ilha do tesouro* e *Raptado* (Kidnapped) ou em profundos contos morais e fantásticos, como *O médico e o monstro* e *Markham*. Seu olhar crítico e aguçado o levou a escrever ensaios maravilhosos sobre a arte da leitura e a produção de livros, e sua compreensão do coração humano refletiu-se em meditações mordazes sobre a adolescência, o amor, as relações entre homens e mulheres e o que ele chamava de "a decência definitiva das coisas". Também demonstrou um malicioso senso de humor nas magníficas invenções de *A caixa errada* (The Wrong Box) e *As novas mil e uma noites* (New Arabian Nights), além de expressar uma preocupação ética profunda em suas fábulas e sermões. Por fim, Stevenson engajou-se no debate público de questões políticas, condenando a estratégia colonial europeia em livros como *Baixa-Mar* (The Ebb Tide) e *A praia de Falesà* (The Beach of Falesà), este último uma acusação tão vigorosa que a íntegra do texto só foi publicada em 1984, noventa anos depois da morte de seu autor.

Ler Stevenson é uma aventura intelectual, um encontro com uma mente clara e despreziosamente inteligente; mas, acima de tudo, é um ato de amizade, pois quem abre um de seus livros (a menos que tenha o espírito insensível e a cabeça embotada) ganha um amigo generoso e honesto para o resto da vida.

A. M.

## Sobre o autor

Alberto Manguel nasceu em 1948, em Buenos Aires, e hoje é cidadão canadense. Estudou na Argentina depois de passar a infância em Israel, onde seu pai era embaixador argentino. Em 1968 transferiu-se para a Europa e, à exceção de um ano de volta a Buenos Aires, onde trabalhou como jornalista para o *La Nación*, viveu na Espanha, na França, na Inglaterra e na Itália, ganhando a vida como leitor para várias editoras. Em meados dos anos 70, aceitou o cargo de editor-assistente das Editions du Pacifique, uma editora do Taiti. Em 1982, depois de publicar *The Dictionary of Imaginary Places* (em colaboração com Gianni Guadalupi), mudou-se para o Canadá.

Editou uma dúzia de antologias de contos sobre temas que vão do fantástico à literatura erótica. É autor de livros de ficção e não-ficção. Entre eles, *Into the Looking-Glass*

*Wood: Essays on Words and the World*, Uma história da leitura (traduzido para mais de 25 línguas e publicado no Brasil pela Companhia das Letras) e o romance *News from a Foreign Country* *Carne*. Contribui regularmente para jornais e revistas do mundo inteiro.

Quero agradecer ao meu editor, Luiz Schwarcz, pelo presente que foi a idéia deste livro. Sem a sua generosa sugestão, eu não teria acreditado possível acompanhar R. L. Stevenson em sua última e fantástica jornada.

